



VIII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil  
"Educação e Contemporaneidade" 18 a 20 de setembro de 2014  
ISSN 1982-3657

**OS TRABALHADORES DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO NUMA UNIVERSIDADE PÚBLICA FEDERAL: AS  
MARCAS DE SUA INVISIBILIDADE**

Reinaldo Batista dos Santos[i]

Nadja Naira Aguiar Ribeiro[ii]

**RESUMO**

Este artigo tem por objetivo apresentar as primeiras análises qualitativas sobre os trabalhadores que realizam atividades de limpeza e conservação em uma Instituição de Ensino Superior-IES. Esta pesquisa parte da seguinte indagação: por que os trabalhadores de limpeza e conservação não participam dos processos formativos forjados num espaço universitário?

A hipótese é a de que esses trabalhadores são invisibilizados até mesmo numa instituição universitária, cujas produções acadêmicas geralmente têm como foco os sujeitos subalternizados. Para fundamentar as análises deste estudo de caso, nos valem de autores como Bourdieu (2007), Bourdieu e Perseron (2008) e Paulo Freire (1996; 1998; 2004; 2005), que ajudam a pensar sobre as condições de subalternidade a que estão expostos os trabalhadores, especialmente num contexto universitário.

Palavras-chaves: Trabalhadores de limpeza e conservação; invisibilização; instituição universitária.

**Summary**

This work aims to present the first qualitative analyzes on the cleaning and maintenance staff in a Higher Education institution. This research tries to answer the question: this research asks the following question: why the cleaning and maintenance staff working in a public university, do not take part in educational processes forged in this very place?

The hypothesis is that these workers are often overlooked, even in this type of academic institution whose productions has focused on subordinate workers. To support the analysis of this case study, we based ourselves with authors such as Bourdieu (2007), Bourdieu and Perseron (2008) and Paulo Freire (1996, 1998, 2004, 2005), which help to think about the conditions of subordination to which workers are exposed, even in an educational institution.

Key Words: cleaning and maintenance staff work; often overlooked; Higher Education institution

**INTRODUÇÃO**

Este artigo é o recorte de uma pesquisa de mestrado cujos sujeitos investigados são os trabalhadores que fazem os serviços de limpeza e conservação de uma universidade pública – localizada na região nordeste do

Brasil. O objetivo é refletir sobre a invisibilidade por eles sofrida dentro de uma instituição de ensino superior. Esse interesse surgiu ao notar que, apesar de serem trabalhadores subalternizados, pela sua própria condição socioeconômica, nenhuma ação acadêmica – ensino, pesquisa e extensão – que constitui o tripé da Universidade, os incluem como sujeitos. Nem mesmo no Centro de Educação, lugar onde se aloja esta pesquisa, identifica-se tal preocupação.

Através de observações empíricas das práticas laborais por eles exercidas no dia a dia (limpeza de sala de aula, banheiros, sala de professores, áreas comuns), que leva a uma convivência diária com professores e alunos universitários, fomos inquietados por essa invisibilidade que se traduz, muitas vezes, em atitudes de indiferença dos que ali circulam – como se a presença deles já estivesse naturalizada e nenhuma curiosidade, sobretudo epistemológica, recaísse sobre essa massa de trabalhadores. Assim, desta inquietação inicial originaram-se as seguintes questões: quais motivos levam os sujeitos trabalhadores a serem invisibilizados dentro de uma instituição de ensino?

Quem são esses sujeitos que cuidam da limpeza da universidade sem “poder” usufruir dos processos formativos ali produzidos?

Que desejos incidem sobre os trabalhadores de limpeza e conservação, considerando a sua convivência diária em um ambiente acadêmico rodeado de alunos e estudantes, além de estarem expostos a livros, cartazes, folder, etc?

Há inúmeras perguntas que aí se desdobram, uma vez que eles parecem sujeitos esquecidos, vivendo à margem do discurso que a própria instituição “professa” em seus estudos e pesquisas. Considerando que vamos voltar nossas análises para uma categoria específica de trabalhadores, bem como para o contexto particular de uma instituição superior de ensino, assumimos o estudo de caso como abordagem metodológica, dada a complexidade do cotidiano estudado, para orientar esta pesquisa.

### **Os sujeitos que nos rondam na academia: marcas de sua invisibilidade**

Na sociedade atual, exigente quanto aos níveis de escolaridade dos profissionais, é expressivo o número de trabalhadores – cuja trajetória escolar foi interrompida – que acabam se tornando invisíveis em seu próprio universo de trabalho, tais como: serventes, faxineiros, *office boy* empregadas domésticas, pedreiros, camareiras, entre outros, por não fazerem parte do *establishment* da instituição ou da empresa em que atuam. A maioria desses sujeitos trabalhadores, geralmente com grande carga horária de trabalho diário, cai nas malhas da invisibilidade – embora estejam sempre entre nós.

Nesse sentido, chama ainda mais atenção a parcela desses trabalhadores, com baixa escolaridade, que desenvolvem suas atividades laborais em instituições universitárias – que têm como missão o ensino, a pesquisa e a extensão. Daí a nossa inquietação, sobretudo pelo fato de sermos da área de Educação, pois muito se discute, estuda e pesquisa sobre os sujeitos subalternizados, produzindo-se discursos forjados em teorias consideradas emancipatórias, mas os referidos trabalhadores não se constituem como sujeitos dessas produções acadêmicas desenvolvidas pelos docentes universitários. Apesar de os intelectuais serem considerados críticos e reflexivos, as universidades, contraditoriamente, comportam-se como qualquer outra instituição ou empresa, que apenas estão preocupadas com a sua produção – para aquilo que lhes dá lucro imediato. As universidades – reféns do capital e, conseqüentemente, do produtivismo acadêmico – parecem mais preocupadas em atender a toda esta “engenharia social”, que se revela, inclusive, no *ranking* entre os pares. Nesse sentido, há uma busca incessante e quase frenética por objetos de pesquisa e projetos de extensão que alavanquem as produções. Ou seja, olhares que se voltam à problematização de inúmeras realidades e, ao mesmo tempo, naturalizam outras – como é o caso dos trabalhadores que exercem suas funções nos espaços universitários.

No entanto, eles estão ali entre nós, no dia a dia, realizando suas atividades de limpeza. Tal serviço caracteriza-se pela limpeza de janelas, banheiros, salas de aula e salas do setor administrativo. Antes de iniciar nossas aulas, esses trabalhadores varrem as salas de aulas, arrumando as cadeiras enfileiradas (revelando uma certa concepção de ensino); limpam as diversas salas de pesquisa e reuniões. Muitas vezes,

enquanto os professores realizam suas atividades de orientações a bolsistas ou alunos de graduação e pós-graduação, eles arrumam as salas. De certa forma “participam”, ainda que em silêncio, daquilo que está sendo discutido. São eles também que limpam as estantes de livros, os setores da biblioteca. Enfim, são esses trabalhadores que convivem e, ao mesmo tempo, são aliados desse contexto da academia, passando despercebido pelos próprios intelectuais.

Partindo das diversas inquietações que foram expostas acima, tomamos como eixo estruturante dessa pesquisa, os seguintes questionamentos: **por que os trabalhadores de limpeza e conservação não participam dos processos formativos forjados num espaço universitário?**

Em outras palavras, **até que ponto esta não-participação é resultante da invisibilização que eles sofrem dentro da universidade?**

Com efeito, para dar conta de nossas primeiras análises foi preciso realizar um mapeamento desses sujeitos-trabalhadores que realizam atividades de limpeza nesse *campus* universitário *lócus* da pesquisa. O referido mapeamento se ocupou de registros quantitativos e também de análise qualitativa acerca de algumas categorias mais gerais sobre estes trabalhadores, a saber: gênero humano, faixa etária, etapas de escolarização.

### **Um percurso e muitos passos: a saga itinerante de um *flâneur*[iii]**

Ao se dispor a realizar uma pesquisa sobre os trabalhadores que atuam no serviço de limpeza e conservação de uma universidade pública, estamos cientes de que é preciso, antes, permitir-se a ocupar a posição de um *flâneur*, passeando pelo *campus* para admirar a estética que ali se produz em virtude de tantas pessoas – e histórias, que, sob determinada (des)ordem de um cotidiano, se cruzam em silêncio. Colocar sob o olhar investigativo algo que neste espaço se passa, é procurar tirar o véu desta rotina/retina – descortiná-la de suas vãs aparências. Como diz Benjamin (2000), é autorizar-se a ver “a cidade sem disfarce”. E isso significa poder implicar(-se) com este **texto** que ali se inscreve a cada dia.

Nas trilhas deste percurso, numa saga itinerante, nos pusemos em busca dos “lugares” de encontro destes trabalhadores – sujeitos da pesquisa. Em princípio, parecia uma “tarefa simples”. No entanto, conforme dito anteriormente, ela demandou esforço físico para localizar “nossos sujeitos” espalhados pelo *campus*, pois são muitos os trabalhadores que desempenham atividades de limpeza e conservação nessa universidade – *lócus* da pesquisa.

Nesta saga de idas e vindas, tentando, inclusive, localizar o setor no qual eles assinam o seu ponto[iv], nos deparamos com alguns deles, em hora de descanso, numa grande roda de conversa. Ao nos aproximarmos do grupo pudemos perceber que eram trabalhadores de diferentes idades e gêneros humanos. A conversa entre eles parecia animada, sentados à sombra do prédio da reitoria. Aproveitamos para conhecê-los informalmente e também fazer uma breve apresentação sobre o objetivo de nossa pesquisa. E eles foram receptivos e pareciam até mesmo entusiasmados com a possibilidade de serem os protagonistas de uma “história”, sugerindo outros nomes de colegas, que ali não se encontravam – para fazerem parte da pesquisa.

Apesar de os primeiros contatos com estes trabalhadores de limpeza e conservação terem se dado de modo informal, através deles já foi possível, ao compartilhar dessa roda de conversa, bem como de outros encontros fortuitos (para identificação de seus lugares de trabalho), nos darmos conta das angústias e das alegrias, cada vez que nos dispúnhamos a escutar um pouco da(s) sua(s) histórias – trabalhadores, em geral, excluídos, logo cedo, do contexto escolar. Nestas primeiras conversas (ainda sem a aparelhagem dos instrumentos de pesquisas), como forma tática de aproximação, nos foi narrado, por muitos, que nem sequer tiveram a oportunidade de conhecer a escola.

Ao participar destas conversas, em suas horas de descanso, percebemos a importância de se poder, de fato, dar voz àqueles que foram silenciados em seus saberes. Assim, “**fala-se deles** mais do que eles falam e, quando falam aos dominantes, tendem um discurso emprestado, o que os dominadores usam” (BOURDIEU, 2007, p. 69. Grifos nossos). Trata-se, então, nas tentativas de narrações sobre suas histórias, oferecer escuta

e, ainda mais, “de dar voz àqueles cujo discurso foi calado ou teve pouca influência no discurso dominante” (PARANÁ, 1996, p.317).

Embora a pesquisa esteja em seu percurso inicial – na montagem do *córpus*, esse levantamento primeiro, acerca de dados quantitativos sobre os sujeitos da pesquisa, possibilita uma análise qualitativa sobre o universo destes trabalhadores de limpeza e conservação que desenvolvem suas atividades numa determinada universidade. Portanto, nossos procedimentos metodológicos estão pautados, mais fortemente, numa pesquisa de abordagem qualitativa, o que nos dará suporte para perseguir os indícios sinalizados pelos próprios dados.

Considerando o objetivo da pesquisa foi preciso selecionar algumas categorias para o mapeamento dos referidos trabalhadores e, conseqüentemente, no delineamento do *corpus*. Neste sentido, selecionamos as seguintes categorias de análise: prevalência do gênero humano; faixa etária; etapas de escolarização. Este levantamento nos revela que toda pesquisa é de fato um “querer saber”. Como diz Freire, “A construção ou a produção do conhecimento implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto” (FREIRE, 1996, p. 85).

Por isso, é através da busca científica que se dá o reconhecimento de que no objeto nada se esgota. Aprendemos com a pesquisa que, mais do que a resposta, é a pergunta que nos move. Daí que Freire insiste: “Pesquise para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 1996, p. 32).

### **Levantamento quantitativo das categorias selecionadas: o delineamento do *córpus***

Ao iniciar o levantamento dos sujeitos-trabalhadores que realizam atividades de limpeza e conservação da IES (Instituição de Ensino Superior) - *lôcus* da pesquisa – selecionamos, do universo de 213 funcionários, apenas 35 sujeitos para participarem da pesquisa. Foi com este grupo de sujeitos que realizamos a entrevista semiestruturada.

1– Tabela - Quantidade Total e Quantidade levantada

Trabalhadores	Quantidade
Quantidade de trabalhadores de limpeza e conservação que atuam na IES	213
Quantidade levantada	35

Após mapear este universo de trabalhadores, nosso critério de seleção do número de sujeitos que participariam da pesquisa foi baseado nos horários de trabalho (em compatibilidade com os horários dos pesquisadores), bem como nos setores em que realizam a atividade de limpeza. Ou seja, tentamos equacionar dois aspectos: **horário e local**. Sendo que a escolha dos locais teve por intenção, sobretudo, abarcar uma maior variedade de faculdades ou/e centros[v] (e, conseqüentemente, cursos), que também desenvolvem ações de ensino, pesquisa e extensão.

Já no mapeamento, verificamos o número expressivo de trabalhadores, responsáveis pela limpeza e conservação, que circulam pelo *campus* da universidade. O fato de usarem uniformes próprios da empresa, a qual eles são vinculados, faz com que, de certa forma, não se “confundam” com os demais atores sociais que também convivem neste espaço. Notamos assim que esta universidade terceiriza um grande número de trabalhadores, com os quais ela pouco (ou nada) se “envolve”.

Dos 35 trabalhadores selecionados para a pesquisa, cujo critério foi somente o horário e o local de execução das atividades de limpeza e conservação, há uma diferença significativa em relação ao gênero humano. Em relação à categoria gênero humano, foi uma amostra aleatória, e, por tal razão, chama atenção a prevalência de mulheres, tal como mostra a tabela a seguir:

2 – Tabela -Quantidade de trabalhador por gênero humano

Gênero Humano	Quantidade	Porcentagem
---------------	------------	-------------

Feminino	25	71,4%
Masculino	10	28,6%
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100%</b>

Como se pode perceber, são as mulheres que representam um maior número de trabalhadores, especialmente neste tipo de serviço de limpeza e conservação. Desse modo, há uma predominância da mulher, com o percentual de 71,4%, e o homem equivale apenas 28,6%, destes 35 trabalhadores selecionados para a pesquisa. Apesar de isso significar uma presença mais expressiva de mulheres no mundo do trabalho, é curioso observar que as funções que elas assumem neste mercado são aquelas que se assemelham aos afazeres domésticos. Possivelmente, no ato de contratação elas devem ser privilegiadas. E tal privilégio deve ser atravessado por uma concepção de que as mulheres “entendem de limpeza”. Ou seja, o trabalho de limpeza e conservação é, geralmente, associado a “serviço de mulher”, como se as mulheres tivessem o *know-how* para desenvolver essas atividades com mais cuidado e “capricho”, características consideradas femininas.

Outro fato que nos chama atenção é a prevalência de trabalhadores com idade entre **30 a 39 anos**, como apresenta a tabela a seguir:

3 – Tabela – Quantidade de trabalhador por faixa etária

<b>Idade</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
18 a 20 anos	3	8,6%
20 a 29 anos	7	20%
30 a 39 anos	16	45,7%
40 a 49 anos	5	14,3%
50 a 59 anos	4	11,4%
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100%</b>

Considerando os 35 sujeitos da pesquisa, constatamos que os trabalhadores com idade entre 30 a 39 representam 45,7%, o que equivale a 16 trabalhadores. Diferentemente, os trabalhadores com idade entre 18 a 20 anos que apresentam um percentual de apenas 8,6%. Já os trabalhadores com idade entre 50 a 59 anos representam uma porcentagem de 11,4%. As idades compreendidas entre 30 a 39 anos são consideradas, pelo mercado de trabalho, como o período etário mais produtivo. Ao contrário do grupo que está na faixa etária entre 50 a 59 anos, que neste cenário aparece com um percentual bem inferior do grupo acima citado. Os jovens, por sua vez, entre 18 a 20 anos, é o que apresenta um percentual mais baixo. Algumas pistas podem nos ser dadas pelos percentuais apresentados, ainda que eles mereçam ser cruzados com outros – em outro momento da pesquisa.

Mas por ora, podemos levantar a hipótese que tal realidade pode indiciar duas possibilidades: que essa faixa etária sempre representa o maior peso no mercado de trabalho, sobretudo com o crescimento desta faixa etária como um todo; ou que essa prevalência tem a ver com a escolaridade destes sujeitos, considerando o tipo de atividade que exercem – considerada como um serviço pouco qualificado. Daí que os jovens – com escolaridade mais, talvez, não apresentam um percentual tão alto neste tipo de trabalho. Entretanto, conforme dito antes, esta análise será realizada posteriormente pela pesquisa.

Esses trabalhadores são, em sua grande maioria, homens e mulheres com histórias de vida marcadas pela interrupção escolar, pela marginalização de acesso aos bens de consumo e a empregos melhor remunerados. Desse modo, vejamos a seguir o quadro que nos revela a trajetória de escolarização desses sujeitos.

4 - Tabela - Trajetória Escolar dos trabalhadores

<b>Trajetória escolar</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Concluiu o Ensino Médio	10	28,6%
Não concluiu o Ensino Médio	23	65,7%
Não frequentou a escola	2	5,7%
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100%</b>

Ao analisar a tabela anterior, percebemos que a grande maioria, com o percentual de 65,7%, que equivale a 23 trabalhadores, não concluiu

o ensino médio. Apenas 10 dos 35 investigados concluíram o ensino médio e 2 nunca tiveram acesso à escola .

Grande parte desses trabalhadores, cuja faixa etária é mais avançada, teve que interromper seus estudos por inúmeros motivos. Uma forma de exclusão desses sujeitos do saber cultural escolar. Como adverte Bourdieu e Passeron (2008), a sociedade ocidental capitalista é uma sociedade hierarquizada, constituída segundo uma divisão de poderes extremamente desigual. Dessa forma, o sistema capitalista é um dos maiores causadores dessa desigualdade socioeconômica, tornando os trabalhadores em objetos de seu próprio trabalho.

A exploração desses trabalhadores é, de modo geral, intensa, eles trabalham 8 horas diárias e, obtendo mais 2 horas de almoço, totalizando 10 horas diariamente, impossibilitando de realizar qualquer outro tipo de atividade, pois eles passam o dia inteiro no trabalho, assim, condenando grande parte desses sujeitos em uma situação opressora, ou seja, “assujeitado” pelo sistema.

Em relação às mulheres, a gravidez precoce é citada por elas como um fator de interrupção dos estudos. De fato, a maior incidência de não prosseguimento nos estudos na adolescência. Ou seja, quando cursavam o Ensino Fundamental II. Tendo o estudo interrompido ainda jovem, muitas vezes retornam em idade mais avançada para as salas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Numa demonstração de que a escola tem um sentido para as suas vidas. Esta escolarização interrompida causa certas frustrações.

A tabela a seguir nos releva a interrupção dos estudos desses trabalhadores que não concluíram o Ensino Médio. Vale dizer que incluímos também nesta tabela aqueles que nunca frequentaram a escola, por razões que serão exploradas em etapas posteriores desta pesquisa.

5 – Tabela – Trajetória Escolar: Não Concluíram o Ensino Médio.

<b>Interrupção/Série</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Interromperam no FUND. I	6	24%
Interromperam no FUND. II	14	56%
Interromperam no Ensino Médio	2	8%
Estudando no Ensino Médio (EJA)	1	4%
Não frequentou a escola	2	8%
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>

A tabela nos mostra o percentual de trabalhadores que não concluíram o ensino médio. Assim, a maioria desses trabalhadores, que equivale a 56%, não concluiu o ensino médio e interromperam os estudos no Ensino Fundamental II.

Em relação à história de escolarização dos sujeitos que não concluíram o Ensino Médio, alguns confirmaram nas entrevistas não terem frequentado a escola, ou seja, 2 dos entrevistados nunca frequentaram a escola, assim, um deles relatou:

[...] eu vivi e morei na fazenda com a minha família e lá não tinha escola. Andávamos até nu...correndo nos matos. Nem roupas tinha. Quando eu vi mora aqui já era home, e fui logo trabalhar.

Como boa parte deles veio da zona rural, assim, a ausência e a distância das escolas foi uma realidade frequente, este cenário colaborou para que os sujeitos continuassem à margem do processo de escolarização. Fica constatado ainda, que não somente esse fato, mas também as péssimas condições de vida, motivo esse que os levaram a lutar pela sobrevivência em detrimento dos estudos. As entrevistas revelaram que muitas vezes, essas pessoas por condições financeiras tiveram que abandonar os estudos, em função do trabalho, mas algumas delas sentem vontade de retornar aos estudos:

[...]Jeu tenho vontade de voltar para sala de aula...Quando era mais nova queria fazer faculdade de assistente social...Hoje eu quero que meus filhos façam...Eu quero fazer um curso, porque faculdade são 4 anos...eu tenho vontade, mas quando chego em casa é 8horas da noite.

[...] Se eu perder esse emprego um dia...eu tenho um sonho: voltar a trabalhar de auxiliar de enfermagem...tão bom! Tenho que estudar mais...Mas tenho medo de trabalhar como auxiliar de enfermagem...Eu trabalho aqui, fico pensando: vai que eu deixe aqui e lá também não dê certo.

Mas eles foram “eliminados” do processo de escolarização, antes mesmo de serem avaliados. É aquilo que Bourdieu e Passeron (2008) nos elucidam, exame e eliminação sem exame:

(...) é suficiente observar que a maioria daqueles que, em diferentes fases do curso escolar são excluídos dos estudos se eliminam antes mesmo de serem examinados e que a proporção daqueles cuja eliminação é mascarada pela seleção abertamente operada difere segundo as classes sociais. (BOURDIEU e PASSERON, 2008, p. 187)

Segundo Bourdieu e Passeron (2008), “(...) no ensino superior só se observa plenamente nos domínios menos diretamente controlados pela escola, enquanto que, no ensino secundário, ela já se manifesta nos resultados propriamente escolares” (p. 182). Percebemos, então, que a escola contribui para conservar, utilizando exames de seleção, no qual àqueles que obtêm o capital lingüístico e cultural formal, terão oportunidade de continuar os estudos. Isto costuma ocorrer desde os primeiros momentos no espaço escolar, especialmente quando se trata das classes subalternizadas. Geralmente, pela escola eles são sujeitos, muitas vezes, ignorados, excluídos e eliminados antes mesmo de serem examinados (avaliados), pois seu saber (anterior) é desvalorizado pela instituição escolar como um todo. Isto fica evidente na fala de um dos entrevistados:

Quando estudava na 7 série, a professora fez um ditado para avaliação...e eu escrevi errado a palavra jardim e Pernambuco...engoli o “m” da palavra Pernambuco e engoli “r” da palavra jardim...por isso, fui reprovada.

Isto confirma o que Bourdieu e Passeron (2008) expõem sobre a ação pedagógica, nomeando tais atitudes como **violência simbólica**, o que contribui para a dominação das classes dominantes, inculcação pela ação dominada de conhecimento, dos quais a ação pedagógica dominante define o valor sobre o mercado econômico ou simbólico. Para Bourdieu (2007), dentro do processo histórico humano se instituíram e reproduziram determinadas relações de violência simbólica, compartilhadas consciente ou inconscientemente entre dominantes e dominados.

Desse modo, as instâncias (agentes e instituições) escolares privilegiam a classe dominante, pois, o que a escola transmite é a cultura da classe dominante. Assim, a classe dominada fala e compreende o mundo de um modo que a escola não aceita e às vezes sequer compreende. Seus falares e seus saberes são “capitais não rentáveis” nas escolas e instituições formais. Nas palavras de Freire,

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 2004, p.67)

Isso significa que a educação para a libertação não pode deixar de privilegiar o exercício da reflexão crítica da realidade. É preciso possibilitar não só a leitura da palavra, a leitura do texto. E imprescindível, nesse contexto, a leitura do mundo. Talvez, por isso, os trabalhadores de limpeza e conservação se tornem invisibilizados dentro de uma universidade, que se propõe a ser o *locus* da produção do conhecimento – considerando seus atores sociais do mundo acadêmico como uma elite intelectual. Apesar de a academia ter um discurso voltado para as classes subalternizadas e excluídas dos sistemas formativos, é neste próprio espaço que os trabalhadores de limpeza e conservação são, de alguma forma, ignorados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste mapeamento inicial, os resultados apontaram que os trabalhadores têm em sua maioria faixa etária entre 30 a 39 anos, que interromperam a escola pela necessidade de trabalhar, ainda na adolescência. A mulher possui presença marcante entre os trabalhadores investigados, sobressaindo-se com 71,4%.

Esses trabalhadores são, em sua grande maioria, homens e mulheres com histórias de vida marcadas pela interrupção e exclusão escolar, dada à sua condição econômica e social. Na verdade, mais do que se retirar da escola, eles foram ( e continuam sendo) “eliminados” do processo de escolarização – negados que são em seus saberes.

Diante dos dados coletados, percebemos o quanto o trabalho intenso do campo tornou mais tortuoso o percurso escolar desses sujeitos-trabalhadores, sobretudo por não terem escolas nas proximidades onde moravam. No caso das mulheres, a gravidez precoce foi também um fator determinante para interrupção dos estudos, justamente na adolescência, ou seja, quando elas ainda cursavam o Ensino Fundamental II.

Nesse sentido, é preciso dar visibilidade a(s) história(s) desses sujeitos, e ao mesmo tempo, conhecer a leitura de mundo que cada um possui, suas especificidades, seus sonhos, seus desejos, uma vez que é no diálogo, do ponto de vista freiriano, que os sujeitos expressam suas opiniões, seus anseios e esperanças. É essa unidade dialética que pode gerar um pensamento crítico sobre a realidade. De acordo com Freire (2005, pag. 90) “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.” É preciso escutá-los, e, mais ainda, enxergá-los como sujeitos produtores e portadores de cultura. Assim, não devemos “(...) subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sociocultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca de uma ideologia elitista” (Freire, 1992, p.85).

## REFERÊNCIAS

DRUCK, Maria da Graça. **Terceirização: (des)fordizando a fábrica**: um estudo complexo petroquímico, São Paulo: Editora Boitempo, 1999.

DRUCK, Maria da Graça. Terceirização e precarização: o binômio anti-social em indústrias. In: DRUCK, Maria da Graça; FRANCO, Tânia (Org.). **A perda Social do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2007

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. RJ: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

---\_\_\_\_\_. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

BENJAMIN, Walter . **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 3a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. São Paulo: Vozes, 2007.

MARCELINO, Paula Regina Pereira. A logística da precarização: terceirização do trabalho na Honda do Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

PEREIRA, Luís Carlos Bresser. A reforma do Estado nos anos 90: lógica e mecanismos de controle. **Cadernos MARE**, Brasília, n.1,1997.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.bressepereira.or.br)

[bressepereira.or.br](http://www.bressepereira.or.br)

[/documents/MARE/cadernosMare/caderno01.pdf](http://www.bressepereira.or.br/documents/MARE/cadernosMare/caderno01.pdf)

, acesso em 18 de junho de 2014.

PARANA, D. (1996) .O Filho do Brasil: de Luiz Inácio a Lula. São Paulo: Ed. Xamã.

POCHMANN, Márcio. O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século. São Paulo: Contexto, 2000.

ROUANET, Sérgio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?

. **Revista USP. Dossiê Walter Benjamin**. São Paulo, v.1, n. 15, set/out./nov. 1992. p. 49-75.

---

[i]Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Bolsista pela CAPES. Integrante dos Grupos: Teorias e Práticas em Educação de Jovens e Adultos e Aquisição de Linguagem: implicações da subjetividade - UFAL. reyfera2007@gmail.com

[ii]Doutora em Linguística. Professora Adjunta do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Líder do Grupo de Pesquisa Teorias e Práticas em Educação de Jovens e Adultos e do grupo Aquisição de Linguagem: implicações da subjetividade – UFAL e membro do Grupo de Pesquisa Formação continuada de professores e intervenção na prática docente: limites e possibilidades – UNEAL nnauiar@gmail.com

[iii] O termo *flâneur* é utilizado no texto como uma metáfora à atitude do pesquisador, que se faz exposto ao universo da pesquisa. *Flâneur* é um termo francês, cujo significado é &39;paseante&39;. A palavra *flânerie* se refere à atividade própria do *flâneur*: vagar pela cidade, passear sem rumo, aberto a todas as vicissitudes e as impressões que estão ao redor. Foi um termo utilizado por Walter Benjamin que, a partir da poesia de Charles Baudelaire, chama atenção para este observador privilegiado da vida moderna – o *flâneur*. O poeta Baudelaire (1997) via o *flâneur* como um “observador apaixonado” das cidades e das multidões que as compõem, um olhar sobre a vida ordinária. Para maiores esclarecimentos ver: Benjamin (1994) e Baudelaire (2001), ROUANET (1992)

[iv] Vale dizer que os trabalhadores de limpeza, que atuam na universidade, são funcionários de uma prestadora de serviço. Portanto, são funcionários terceirizados – uma das novas formas de organização do trabalho. A terceirização tem como finalidade o repasse de certos serviços a outras empresas. Segundo autores e estudiosos da área da sociologia do trabalho, o processo de terceirização é uma forma de precarização das relações de trabalho. Entretanto, não é o propósito deste trabalho deter-se nesta discussão. Para maiores esclarecimentos ver autores, como: DRUCK (2007, 1999); MARCELINO (2004); PEREIRA (1997); POCHMANN (2000).

[v] Em dezembro de 2003, o MEC aprovou o estatuto desta universidade – que se constitui o *lôcus* de nossa pesquisa, contribuindo para impulsionar a reconstrução de todas as suas instâncias administrativas e acadêmicas. Assim, em 2006 foram criadas as **Unidades Acadêmicas** (estrutura e funcionamento atual) desta universidade, denominadas como Faculdades ou Centros.

[vi] **Know-how** é um termo anglófono utilizado para descrever o conhecimento prático sobre como fazer alguma coisa. O termo *know-how* foi criado em 1838, podendo ser um equivalente dos termos *savoir-faire* e **conhecimento processual**. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014.

Disponível em:

<http://

pt.wikipedia.org/w/index.php

?

title=Know-how&oldid=38313735>.

Acesso em: 16 jun. 2014.

Recebido em: 27/06/2014

Aprovado em: 01/07/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: